

PREVALÊNCIA DE ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE MACEIÓ

Priscila Quirino Canuto¹; Ana Maria Quintela Machado²; Liércio Pinheiro de Araújo³;

RESUMO: Objetivamos neste trabalho desenvolver um estudo sobre a prevalência das alterações comportamentais em crianças e adolescentes vítimas da violência familiar no Município de Maceió. Acredita-se na existência de um elevado número de vítimas provenientes de classes desfavorecidas ou de faixas etárias mais baixas. Pode haver mais casos de violência doméstica em famílias economicamente desfavorecidas ou naquelas em que o marido possui nível educacional inferior às da esposa. A pesquisa fez uso de material bibliográfico, documental e das anotações do caderno de campo, configurando-se uma perspectiva qualitativa. O campo empírico serão as entidades tidas como “*portas de entrada*” de casos de violência infanto-juvenil: o Centro de Apoio às Vítimas de Crime – CAV CRIME e o Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS/AL) implantado no Município de Maceió e funcionando. Os dados parciais obtidos pela coleta em prontuários, registros de ocorrências e relatórios disponibilizados pelas instituições nos anos de 2007 e 2008. Registramos esses dados em formulário próprio segmentado por entrevistas individuais. Os inventários utilizados nas entrevistas foram os seguintes: *Trauma Symptom Checklist - 40 (TSC-40)* e *Initial Trauma Review – Revised*. As principais alterações encontradas nos sujeitos entrevistados foram sintomas relacionados a distúrbios da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento infantil; Alterações comportamentais; Prevalência; Violência familiar.

INTRODUÇÃO

A dimensão atual da violência doméstica pode nunca vir a ser conhecida, mas é evidente que essa violência é parte integrante da dinâmica de muitas famílias, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos. Assim, alguns estudos revelam que crianças são vítimas de homicídio, abusos sexuais e físicos, ameaçadas e humilhadas na sua própria casa por homens e mulheres que lhes deveriam merecer a maior das confianças (COHEN, 2000).

A violência familiar pode surgir em famílias de qualquer classe social. Dadas as limitações dos estudos existentes, é difícil generalizar acerca do estatuto social da vítima. Acredita-se na existência de um elevado número de vítimas provenientes de classes desfavorecidas ou de faixas etárias mais baixas. Pode haver mais casos de violência doméstica em famílias economicamente desfavorecidas ou naquelas em que o marido

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas/FCH do Centro Universitário CESMAC. – AL. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da FAPEAL – CESMAC. (FAPEAL – CESMAC). canuto_priscila@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas/FCH do Centro Universitário CESMAC – AL. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do PSIC-CESMAC (PSIC – CESMAC). ana.quintela@hotmail.com

³ Docente do CESMAC. Faculdade de Psicologia do Centro Universitário CESMAC, Maceió – AL. lierciopinheiro@hotmail.com

possui nível educacional inferior às da esposa. Tal afirmação só será corroborada com a análise dos dados coletados nesta proposta de pesquisa.

Desse modo, nossos objetivos são os seguintes: Desenvolver um estudo sobre a prevalência das alterações comportamentais em crianças e adolescentes vítimas da violência familiar no Município de Maceió; identificar as principais alterações comportamentais em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica; levantar informações sobre as principais alterações no comportamento de acordo com os tipos de violência infanto-juvenil; compreender o perfil sócio-econômico das vítimas de violência infanto-juvenil; traçar o perfil do agressor no Município de Maceió; compreender os procedimentos técnico-metodológicos utilizados pelas instituições responsáveis pelo registro das notificações dos casos de violência familiar contra crianças e adolescentes; fornecer informações para implementação de um sistema único para apoio psico-sócio-jurídico às famílias das vítimas de violência familiar no Município de Maceió.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa fez uso de material bibliográfico, documental e das anotações do caderno de campo. A mesma foi de cunho qualitativo. O campo empírico foram as entidades tidas como “*portas de entrada*” de casos de violência infanto-juvenil: o Centro de Apoio às Vítimas de Crime – CAV CRIME e o Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS/AL) implantado no Município de Maceió. Foram coletadas informações sobre 18 crianças e jovens vítimas de violência familiar no município de Maceió - AL. Os dados parciais obtidos pela coleta em prontuários, registros de ocorrências e relatórios disponibilizados pelas instituições nos anos de 2007 a 2008 e foram registrados em formulário próprio segmentado por entrevistas individuais. Este recorte fez-se necessário para ser traçado um perfil dos casos registrados nas referidas instituições.

Na primeira fase utilizou-se a pesquisa documental, onde assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica utiliza-se fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto a pesquisa documental utiliza-se de materiais que não receberam tratamento analítico. As fontes de pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas do que as da pesquisa bibliográfica.

Na segunda fase foi feito um estudo de grupo com base no inventário *Initial Trauma Review – Revised*, uma entrevista semi-estruturada que possibilita ao investigador avaliar a maioria das principais formas de traumas e exposição a situações de violência e permite identificar sintomas e alterações comportamentais. Logo após este estudo foi aplicado aos responsáveis pelas crianças e adolescentes vítimas de violência familiar comprovada, o inventário *Trauma Symptom Checklist - 40 (TSC-40)* que avalia aspectos do pós-stress e outros sintomas com o objetivo de identificar possíveis alterações comportamentais. Esta segunda fase do projeto teve início em dezembro de 2008 após a adequação dos referidos inventários para a realidade local.

A terceira e última fase, dividiu-se em duas vertentes: na primeira foi feita uma análise quantitativa dos dados obtidos a partir da aplicação do inventário e na segunda uma análise social visando a problemática violência familiar como um todo utilizando os resultados obtidos como fonte embasadora para se chegar a uma possível conclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo “violência familiar” é usado para descrever as ações e omissões que ocorrem em variadas relações embora, em sentido restrito, designe os incidentes de ataque físico que pode abranger todas as violações de caráter físico e sexual, tais como

empurrões, beliscões, cuspidelas, pontapés, espancamentos, murros, estrangulamento, queimaduras, agressão com objetos, esfaqueamentos, uso de água a ferver, ácido e fogo. Os resultados de tal violência física podem ir de pequenos ferimentos até a própria morte. O que começa por ser, aparentemente, um ataque de pouca gravidade pode aumentar de frequência e de intensidade.

Alguns pesquisadores utilizam os termos “violência familiar” e “violência doméstica” para abranger a violência psicológica e mental, que pode consistir em agressões verbais repetidas, perseguição, clausura e privação de recursos físicos, financeiros e pessoais e privação do contato com familiares e amigos. A violação pode tomar formas variáveis de sociedade para sociedade.

É difícil estimar a atual incidência da violência doméstica no Município de Maceió. É uma questão largamente encoberta e há poucas estatísticas disponíveis. As comunidades negam a existência do problema temendo que a sua admissão ponha em risco a integridade familiar.

As estatísticas recolhidas a partir de registros policiais e de outras fontes oficiais demonstram que a agressão contra crianças e adolescentes no Brasil é um problema real, mas não revelam a sua verdadeira dimensão. A vítima, muitas vezes, mostra-se relutante em apresentar queixa de violação: sente vergonha, receio e possui um sentimento de lealdade familiar (ARAÚJO, 2007).

Além das conseqüências físicas, as crianças sofrem de problemas psicológicos tais como ansiedade, depressão e problemas psicossomáticos em doses significativamente mais elevadas do que as que não são alvo do mesmo tipo de atos de violência e vivem em constante estado de estresse e de medo perante a agressão iminente e estão muito mais sujeitas a depressão, o que pode conduzir a taxas de suicídio mais elevadas do que as verificadas em crianças que não são vítimas de violência. Dessa forma, como hipótese, acredita-se que crianças e adolescentes vítimas de violência familiar apresentam alterações comportamentais e que muitas dessas alterações prevalecem durante a vida do indivíduo em forma de stress pós-traumático.

O efeito gerado pela ação de que o presenciar atos de violência pode ter sobre as crianças é alvo de muita discussão. Alguns estudos afirmam que crianças que assistem atos de violência contra a mãe sofrem de vários distúrbios comportamentais e possuem menor capacidade de socialização do que as outras crianças. Um estudo canadense sugere que, se, durante a infância, se a criança presenciar uma relação conflituosa e violenta entre os pais, isso pode “potenciar” seriamente a prática de crimes graves na idade adulta (por exemplo, agressões, tentativas de violação, tentativas de homicídio, rapto e homicídio consumado). Um grande número de crianças de rua apresenta existência de violência conjugal em suas famílias (MEICHENBAUM, 1994).

Antes de ser possível proferir afirmações categóricas quanto às respectivas seqüelas, é necessário a realização de estudos mais sistemáticos sobre o verdadeiro efeito da violência familiar em crianças e adolescentes. Dessa forma, justifica-se este projeto de pesquisa a necessidade de compreensão dos enormes custos pessoais da violência familiar, os custos de ordem social e econômica. Tais custos sociais incluem o estigma do núcleo familiar, o isolamento social e a dependência de grupos de apoio ou da segurança social.

Os resultados obtidos nesta pesquisa estão representados na tabela 1 que mostra as principais alterações encontradas em 18 (dezoito) crianças e jovens na faixa etária entre 4 e 16 anos, onde na escala de 0 - 3, 0 representa nenhuma manifestação e 3 freqüente manifestação.

Tabela 1. Initial Trauma Review – Revised

SINTOMAS		ESCALA			
		0	1	2	3
1	Cefaléia	38,8%	11,1%	33,3%	16,6%
2	Insônia (problemas para dormir)	44,4%	5,5%	16,6%	33,3%
3	Emagrecer (sem dieta)	50%	16,6%	16,6%	16,6%
4	Problemas gástricos	27,7%	27,7%	33,3%	11,1%
5	Manifestações sexuais inadequadas	72,2%	5,5%	5,5%	16,6%
6	Sensações isoladas de que outros observam seu comportamento	33,3%		22,2%	44,4%
7	“Flashbacks” (lembranças súbitas, vivas, distração da memória)	55,5%	11,1%	22,2%	11,1%
8	Sono inquieto	33,3%		27,7%	38,8%
9	Desinteresse pela sexualidade			27,7%	72,2%
10	Ataques de ansiedade	33,3%		27,7%	38,8%
11	Auto grau de manifestação da sexualidade	61,1%	22,2%	5,5%	11,1%
12	Solidão	66,6%	5,5%		27,7%
13	Pesadelos	55,5%	22,2%	22,2%	
14	Pensamento vago	50%	5,5%	16,6%	27,7%
15	Tristeza	11,1%	22,2%	50%	16,6%
16	Tonturas	66,6%	16,6%	16,6%	
17	Repulsa pela sexualidade	55,5%	11,1%	5,5%	27,7%
18	Problemas para controlar seu humor	16,6%	27,7%	22,2%	33,3%
19	Acorda-se de manhã cedo e não consegue voltar a dormir	72,2%	5,5%	11,1%	11,1%
20	Choro incontrolável	50%		11,1%	38,8%
21	Medo de homens	27,7%		11,1%	61,1%
22	Acorda com a sensação de que não descansou	50%	5,5%	33,3%	11,1%
23	Não apresenta manifestação da sexualidade	33,3%		16,6%	50%
24	Possui problemas frequentes com outras pessoas	55,5%	16,6%	22,2%	5,5%
25	Problemas de memória	72,2%	11,1%	11,1%	5,5%
26	Vontade de se machucar fisicamente	72,2%	11,1%	16,6%	
27	Medo de mulheres	94,4%			5,5%
28	Acorda com frequência no meio da noite	55,5%	11,1%	16,6%	16,6%
29	Maus pensamentos ou sentimentos em relação a homens e mulheres	61,1%	5,5%	16,6%	16,6%
30	Sensação de ausência	55,5%	22,2%	16,6%	5,5%
31	Sensação de que as coisas estão “irreais”	66,6%	27,7%		5,5%
32	Necessidade de lavagens frequentes (excesso) ou desnecessários	55,5%	16,6%	16,6%	11,1%
33	Sentimento de inferioridade	72,2%	5,5%	16,6%	5,5%
34	Sensação tensa o tempo todo	66,6%	16,6%	5,5%	11,1%
35	Estar confuso sobre seus sentimentos ou sensações sexuais	83,3%	5,5%	5,5%	5,5%
36	Desejo de ferir outras pessoas fisicamente	66,6%	16,6%	5,5%	11,1%
37	Sentimento de culpa	77,7%		5,5%	16,6%
38	Sentimentos que você não está sempre no seu corpo	88,8%			11,1%
39	Tendo dificuldade de respirar	77,7%		11,1%	11,1%
40	Sentimentos sexuais quando você não deveria tê-los (fantasias, desejos...)	88,8%		5,5%	5,5%

Vale salientar que todas as vítimas que sofreram violência familiar relatadas nesta pesquisa sofreram algum tipo de abuso sexual, não tendo nas entidades visitadas outros registros de violência familiar que não este.

Pode-se verificar de acordo com os dados da tabela acima que as maiores alterações no comportamento das vítimas estão relacionadas direta ou indiretamente a sexualidade como por exemplo o item de número 9, onde 72,2% apresentaram desinteresse pela sexualidade, no item 21 onde 61,1% apresentaram medo de homens e no item 23 onde as vítimas não apresentam manifestação da sexualidade. Apesar do destaque nestes comportamentos relativos a sexualidade todos os sintomas descritos na tabela 1 são relevantes, no sentido de ajudar a identificar alguma alteração comportamental em vítimas de violência familiar, sendo ela sexual, ou não.

CONCLUSÃO

O baixo número de crianças e adolescentes pesquisados refere-se a dificuldades encontradas pelos pesquisadores na execução da atividade de campo. Entre elas: acessibilidade aos dados; falta de meio de transporte quando os pesquisadores tinham que se deslocar a residência da vítima para executar a pesquisa sendo-os proibidos, visando a segurança dos mesmos, de fazer uso de carro particular; e o não comparecimento dos usuários nas instituições nos dias pré-estabelecidos pelas instituições.

Utilizando o *Initial Trauma Review – Revised* conseguimos conhecer e compreender as manifestações da violência contra crianças e adolescentes e seus efeitos no comportamento da vítima, os resultados poderão auxiliar no levantamento de diretrizes para a elaboração de políticas públicas mais eficazes de enfrentamento ao fenômeno investigado.

REFERÊNCIAS

Amazarray, M. R. & Koller, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Revista de Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(3), 546-555, 1998.

Araújo, Liércio P. Estudos atuais sobre violência na família. *Revista de Psicologia: Ciência, Consciência e Humanismo*, 3(1), 53-67, 2007.

Braun, S. *A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo*. Porto Alegre: Age, 2002.

Cohen, C. O incesto. Em M. A. Azevedo e V.N.A. Guerra (orgs.). *Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento*.(pp. 211-225). São Paulo: Editora Cortez, 2000.

Furniss, T. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. falta tradutor Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Gonçalves, H. S. & Ferreira, A. L. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais da saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 18(1), 315-319, 2002.

Meichenbaum.V. *Epidemiologia Crítica em casos de violência familiar*. São Paulo: Summus, 1994.